

A PARATOPIA CRIADORA DE JANE AUSTEN: discurso feminista ou leitura feminista?



Amanda Aparecida CHIREGATTI¹; Luciana Salazar SALGADO²

¹Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, amandachieregatti@yahoo.com.br;

² Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, lucianasalazar@ufscar.br

RESUMO

Com base nos estudos sobre *paratopia criadora* formulados por Dominique Maingueneau (2006, 2010), pretendemos estudar os traços do que é referido como discurso feminista na obra da aclamada escritora inglesa Jane Austen. Focalizaremos neste estudo três títulos: “Razão e Sensibilidade”(1811), “Orgulho e Preconceito”(1813) e “Persuasão”(1818).

Para tanto, será necessário ter em vista o contexto social da Inglaterra do século XIX, que abrange a chamada *primeira onda feminista*. A autora, que publicou sob pseudônimo, é aclamada ainda hoje pela descrição que faz da sociedade rural inglesa de sua época e pela força de sua narrativa, destacando o que podemos chamar de “identidade feminina” por meio da criação de personalidades obstinadas, independentes e ousadas. Interessa-nos, aqui, entender o funcionamento das três instâncias apontadas por Maingueneau como constitutivas da autoria: *escritor*, *inscritor* e *pessoa*. (FAPESP, Processo 2013/07897-6)

Palavras-chave: discurso literário; discurso feminista; paratopia criadora; Jane Austen.

INTRODUÇÃO

O conceito de **paratopia criadora** nos parece proveitoso para estudar o funcionamento da autoria de uma perspectiva discursiva, na medida em que propõe articular aspectos biográficos, sociais e linguísticos. Assim, abordaremos os costumes e hábitos não-escriturísticos que caracterizam/afetam a produção de um autor, ou seja, seus ritos genéticos, na sua relação com a constituição de sua autoria. Interessa-nos entender o funcionamento das três intâncias constitutivas da autoria: *escritor*, *inscritor* e *pessoa*. Essas instâncias são interdependentes e só na sua conexão tripla é que definem a autoria. Em outros termos, trata-se de entender que “os escritores produzem obras, mas escritores e obras são, num dado sentido, produzidos eles mesmos por todo um complexo institucional de práticas” (MAINGUENEAU, 2006, p. 53).

No que diz respeito especificamente ao discurso literário, Maingueneau propõe noções correlatas que exploraremos na abordagem da obra de Jane Austen: estudaremos as relações entre ritos genéticos e paratopia criadora.



MATERIAIS E MÉTODOS

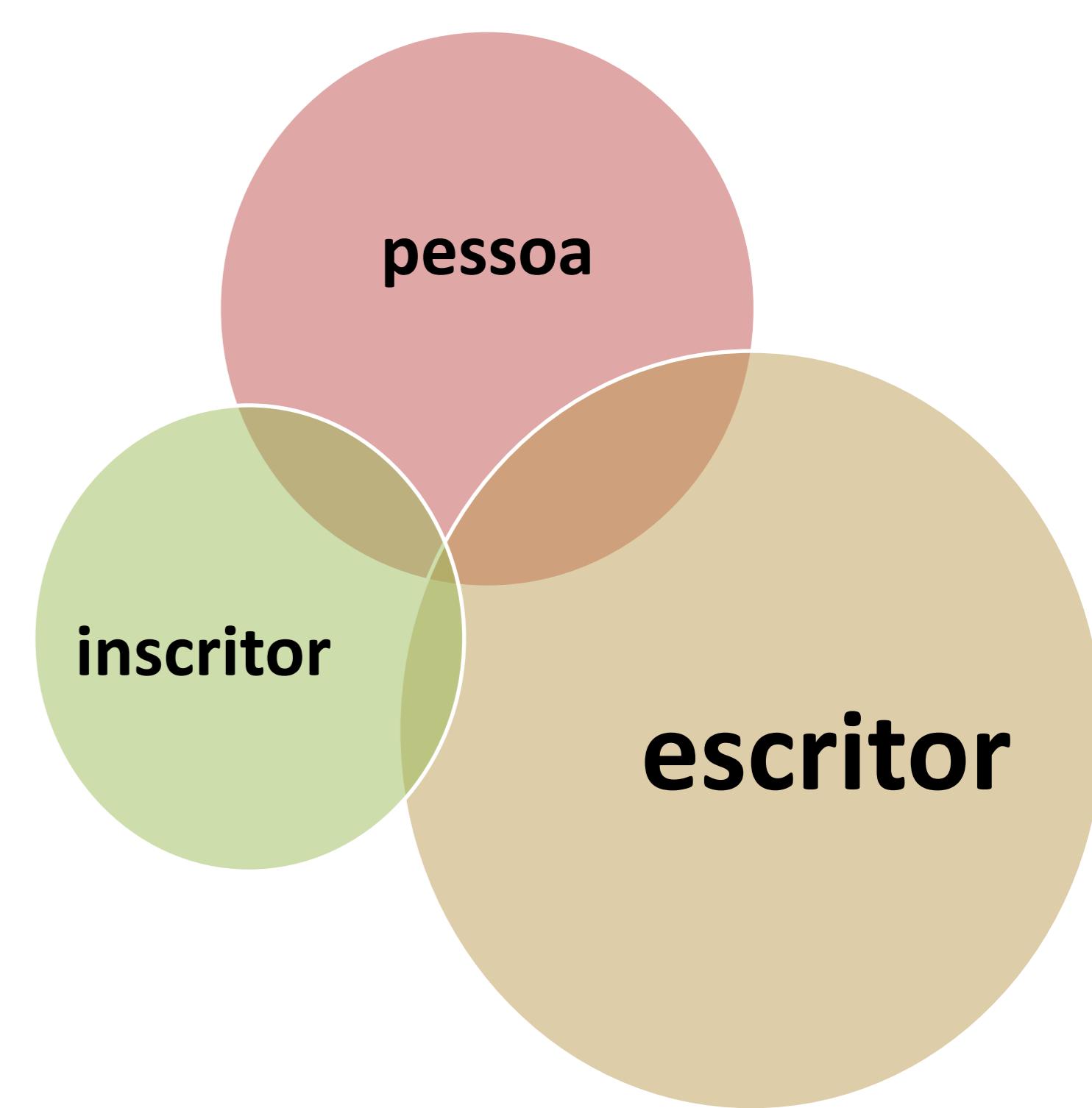
Conduziremos este trabalho a partir de fichamentos e resenhas de textos e capítulos do aporte teórico, objetivando um aprofundamento sobre discurso e autoria. Também será realizado um levantamento de bibliografia historiográfica sobre a sociedade inglesa dos séculos XVIII e XIX.

- ❖ Nos debruçaremos sobre textos indicados na bibliografia fundamental sobre o movimento feminista, suas características e condições de produção.
- ❖ Nos dedicaremos à biografia da autora Jane Austen e à leitura analítica de três de suas obras: *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Persuasão* (1818), além de materiais de fóruns e fã clubes.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora as obras estudadas apresentem críticas à sociedade patriarcal do século XIX, e do modelo de perfeição feminina correspondente, é a leitura contemporânea que coloca a obra de Austen na posição de discurso feminista.



AGRADECIMENTO

Agradecemos à Fapesp pelo apoio à pesquisa.



CONCLUSÃO

Com base nas análises preliminares do corpus coletado, e em indícios encontrados nas obras em análise, podemos dizer que a obra de Austen apresenta críticas à sociedade de sua época que, por vezes, é referida como discurso feminista, mas talvez não o seja propriamente.

REFERÊNCIAS:

- BRAIT, Beth. *Estudos linguísticos e estudos literários: fronteiras na teoria e na vida*. In FARIA, N.; NOBRE, M. *Gênero e desigualdade*. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 1997.
- GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010, 208 p.